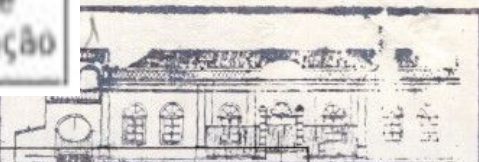


MUSEU do Traje
São Brás de Alportel

Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 1851

Cota N.º 3-1
405

Rómulo de Carvalho

Carta inédita de João de Deus



Colóquio / Letras
n.º 120, Abril-Junho 1991
Lisboa

COLÓQUIO | Letras

REVISTA TRIMESTRAL

Director

David Mourão-Ferreira

Assessora

Joana Morais Varela

Consultor editorial

Luís Amaro

Orientador gráfico José A. Rosado Flores

Secretaria Maria Filipe Ramos Rosa

Maria Roque de Pinho Carvalhosa

Expediente administrativo M. Pedro Perneco

Edição e propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian

Número avulso simples: Portugal: 750\$00 / Estrangeiro: US \$12 dól.

Número avulso duplo: Portugal: 1500\$00 / Estrangeiro: US \$24 dól.

Ass. anual (4 núm.): Portugal: 3000\$00 / Reg. Autónomas: 3400\$00 / Macau: 6000\$00 /

Europa: US \$45 dól. / Extra Europa: US \$55 dól.

*Só serão devolvidos, a solicitação dos autores,
os originais dos textos não publicados*

Direcção, Redacção e Administração:

Avenida de Berna, 56-3.º — 1093 LISBOA CODEX

End. teleg. FUNDABENKIAN — LISBOA

Telef. 793 51 31 — Telefax 793 51 39

Telex 63 768 GULBEN-P

Distribuição e assinaturas:

NOBAR — Grupo Editorial, Lda.

Rua da Cruz da Carreira, 4-B — 1100 LISBOA

Telef. 57 00 51

Rua do Zambeze, 404 — 4200 PORTO

Telef. 81 70 66

Distribuição no Brasil:

Livraria Martins Fontes Editora, Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330 — SÃO PAULO

Praça da Independência, 12 — SANTOS

Rua da Alfândega, 91, loja C — RIO DE JANEIRO

Execução gráfica deste número: Litografia Tejo, Lisboa

Depósito Legal: 44718/91

ISSN 0010 - 1451

SUMÁRIO

ARTIGOS

- 7 O sujeito à interpretação
Miguel Tamen
- 24 'Os Figos Pretos' de António Nobre
Isabel Cardigos
- 43 'Em Nome da Terra': alteridade e transfiguração
Fernando Pinto do Amaral
- 53 Pluridiscursividade e dialogismo
em Lima Barreto
Luiz Fernando Valente
- 65 Mnémon: (re)efabulando uma pátria querida
Celina Silva
- 87 As histórias do desejo e o desejo da história:
'Os Reinegros' de Alves Redol
Ana Paula Ferreira
- 95 Literatura como discurso terapêutico:
'Eugénia e Silvina' de Agustina Bessa-Luís
Georges Güntert
- 117 Inquisição: entre história e ficção
na narrativa portuguesa
Paulo Pereira
- 124 A metaficção historiográfica de José Saramago
Helena Kaufman
- 139 A tradução da poesia e os estudos literários
Maria Alzira Seixo

POESIA

- 17 *Maria Amélia Neto*
- 79 *António Manuel Couto Viana*
- 147 *Emmanuel Gatete*

TEXTO

- 107 O matador D. Quixote
António Osório

DOCUMENTO

- 153 Carta inédita de João de Deus
apresentada por *Rómulo de Carvalho*

MUSEU do Traje
São Brás de Alportel

Centro de
Documentação



CARTA INÉDITA
de
JOÃO DE DEUS

apresentada por
RÓMULO DE CARVALHO

Fotografia reproduzida por Eugénio de Castro in O Melhor Retrato de João de Deus, Lisboa, Edição da Associação de Escolas Móveis pelo Método de João de Deus, 1906. O autor do opúsculo dá-a como "tirada em 1887 ou 1888 no quintal da casa da rua de Santo António à Estrela por um professor de ensino livre, Libânio Baptista Ferreira". Na fotografia figuram João de Deus, Francisco Júdice Formosinho, filho de Sebastião Formosinho, um dos mais dedicados amigos do Poeta, e três filhos deste: Clotilde, João de Deus Ramos e José do Espírito Santo Battaglia Ramos.

EM 22 de Julho de 1882 o *Comércio de Portugal*, Órgão do Comércio e Indústria Portuguesa, jornal lisboeta dirigido por João Crisóstomo Melício, publicava, em secção dedicada à "Instrução Popular", um artigo intitulado "Methodo João de Deus". Causará talvez estranheza que um periódico especializado em assuntos comerciais e industriais distraísse os seus leitores falando-lhes de assuntos pedagógicos, mas tudo se compreende informando que o seu director, mais tarde visconde de Melício, foi homem de intensa actividade política, deputado da nação, pessoa que procurou sempre aproveitar as oportunidades jornalísticas ao seu alcance para dar realce aos mais candentes problemas do país, entre os quais avultava o do ensino.

O artigo em causa não vinha assinado e nele se antepôs, ao título, o numeral romano I, sinal de que se projectava dar-lhe continuação. Teve-a, de facto, num alargado total de XI artigos, que se prolongaram até Novembro daquele mesmo ano, sempre sob a mesma rubrica "Methodo João de Deus", artigos que constituem uma apreciação apoteótica, verdadeiramente apaixonada, do referido método de ensino.

Trata-se, como é óbvio, do método pedagógico concebido e explicitado pelo grande poeta João de Deus na sua *Cartilha Maternal* que, para muitos de nós, ainda vivos, incluindo quem escreve estas linhas, foi o instrumento a que ficaram devendo o gostoso aprendizado das primeiras letras.

A carta inédita que a seguir se transcreve, assinada por João de Deus, insere-se no âmbito daqueles artigos do *Comércio de Portugal*, e é datada de 20 de Setembro de 1882, situando-se assim, cronologicamente, entre o quinto (8 de Setembro) e o sexto (26 do mesmo mês) artigos dos onze então publicados sobre o referido tema. Acentuamos porém um pormenor um tanto insólito. Nenhum dos cinco artigos que antecedem, no decurso do tempo, a carta de João de Deus, vem assinado, mas ele, João de Deus, que nessa carta agradece as palavras que nos artigos lhe eram dirigidas, endereça-a a certa pessoa de nome Pedro Viana, residente na Marinha Grande, o que significa que João de Deus sabia ter sido esse seu admirador o autor dos artigos em causa. O caso em si mesmo não seria estranho se não fosse o que se segue. É que, no sexto artigo do referido conjunto de onze, com data de 26 de Setembro daquele mesmo ano, portanto já posterior à carta de João de Deus, o incógnito articulista, na continuação dos seus elogios à obra do poeta como pedagogo, diz que o novo método de ensino das primeiras letras já fora experimentado com grande êxito na Marinha Grande, onde desde há seis anos (ou seja desde a publicação da *Cartilha Maternal*, ocorrida em 1876) funcionava um curso nocturno dedicado à aplicação desse método, curso promovido por uma comissão organizada propositadamente para o efeito. E, em apoio do que afirma, dá notícia de uma carta, recebida na redacção, de um membro dessa comissão promotora, "honrado e prezado amigo", "médico distinto e uma intelligencia superior", de nome Pedro Viana. Nesse seu número o jornal transcreve a carta do citado médico e, a partir daí até o último artigo, o undécimo, todos terminam com a assinatura de Pedro Viana.

Talvez não seja demasiado concluir-se que, afinal, todos os onze artigos, desde o primeiro, tivessem sido escritos pelo mesmo Pedro Viana que, por qualquer motivo, não estivesse inclinado, de princípio, a identificar-se. Acrescente-se ainda, por curiosidade, que Pedro Viana e João de Deus não se conheciam pessoalmente, conforme aquele declaradamente o afirma no artigo número IX (17 de Outubro), referindo-se a João de Deus, que "não tinha, nem tem, a honra de o conhecer de perto".

No ano anterior a estes acontecimentos, em 1881, o industrial Casimiro Freire, fundador do primeiro Centro Republicano, sugerira que se organizassem entre nós grupos de pessoas interessadas na divulgação do método de João de Deus, com o fim de percorrerem diversos lugares do país e neles implantarem o ensino das primeiras letras com base no referido método. Assim se criaram as chamadas "escolas móveis", cujos orientadores se congregaram em Associação, e que tiveram enorme êxito. Na altura em que João de Deus redige a carta que a seguir transcrevemos, estava-se na fase de organizar a primeira missão dessas escolas, e é ele próprio, João de Deus, que, nessa carta, procura obter o apoio de Pedro Viana para que a desejada actividade se inicie na Marinha Grande. Note-se entretanto que, da leitura da referida carta, não se fica sabendo a quem ela se destina nem a que localidade. A garantia que permite afirmá-lo é-nos dada pela possuidora dessa mesma carta, a senhora D. Maria Eugénia Anacoreta Viana de Paiva Boléo, residente em Coimbra, neta do referido Dr. Pedro Viana (1842-1888), cidadão exemplar, muito querido da população da Marinha Grande onde exerceu a medicina durante dezasseis anos e a quem aí, em sua vida, foi prestada pública homenagem, conforme pode ler-se extensivamente no mesmo *Comércio de Portugal* de 5 de Março de 1886.

Não nos parece que fique mal a publicação de uma carta de interesse exclusivamente pedagógico numa revista, como a *Colóquio/Letras*, do foro literário. A carta é de João de Deus, e João de Deus não foi apenas o extraordinário criador de um excelente método para o ensino das primeiras letras, mas também um poeta do mais elevado merecimento. É claro que as mudanças de mentalidade, que se vão processando à medida que o tempo flui, fazem substituir o assomo das lágrimas que a leitura da poesia romântica provocava há um século por um sorriso de indiferença e até de escarnecimento, nos dias actuais. João de Deus foi, contudo, e merece continuar a sê-lo, uma das máximas figuras da poesia portuguesa. Muitos no seu tempo, e depois dele, o exaltaram como figura singular, ímpar, da Poesia. Antero de Quental comparou-o a Camões; Eça, sopesando o ponderável e o imponderável da poesia de João de Deus, considerou-o "um poeta ingénuo e profundo, infantil e sublime"; Eugénio de Castro afirmava ser João de Deus o maior dos poetas do seu século; Fialho de Almeida, normalmente de crítica azeda, ouvia cantar um rouxinol e pensava que "o velhaco roubava pedaços às *Flores do Campo* do João"; Camilo considerava-o "herdeiro do melhor ouro de Bernardim Ribeiro e Camões", tudo conforme se lê na Antologia *O Livro de Amor de João de Deus* organizada por Afonso Lopes Vieira e publicada em Lisboa em 1930. Em João de Deus o pedagogo e o poeta não são duas pessoas distintas num só corpo, mas uma única, cujo poder encantatório soube cativar as crianças e os adultos. O texto presente é mais uma homenagem que lhe é prestada.

L.º 2º - 86 - 82

L.º 2º - 86 - 82

Agradeço a V.ª. summa-
mente o q. menciona de me-
thode no jornal de nosso
amigo Melicio. Ha alli,
coisa cara, similito o meu
desinteressado da verdade
e do homem, ou um summa
da patria, porq. o methodo
é uma solucão util e por-
tinguera. Este será o seu mai-
or defeito! Mas a honra de
nos sentirmos, que assim
fallam da obra de um des-
conhecido, basta uma pa-
lavra de cumprimento,
e passar ao util.

A Anonimo do school
municipal pelo meu methodo

acha-se naturalmente em
relação comigo, e a direção
convidou-me a escolher o
ponto da primeira missiva.

Têm-me ocorrido que se há
de ser visto a T.H.P. o professor
e o ensino estacionam no abri-
go das condições da realidade,
q. são as mais Penúrias; e
dependendo de factos, principal-
mente de primeiros factos, o
crédito da organização me
devera dirigir a T.H.P. pedin-
do o favor de me dizer se
ahi me fizesse no lugar da
sua residência, ou qual-
quer uma dessas povoações mais
próximas seria uma missiva

tão bem empregada, isto é, se ha-
veria alguma duração da insti-
tuição q. se porem os alunos
utilizam, e alguns curiosos que
assistem e ficam sciencia dos mes-
sos processos. É necessario haver
quem atteste a verdade: o gover-
no cedendo generosamente a cam-
ra o encargo de pagar, reservam
uma especie de fiscalização por me-
da inspectors e subinspectors quasi
totalmente adversarios de method
e que podem intrigar. O fiasco
dos primery cursos seria mortal
para a instituição; mas da ver-
dade nada ha a recelar. O a-
luno aprende se frequentar-
rem e o seu juizo mais importante

te, o methodo picaresco implantado
na mesma localidade. Como a
sociedade da sociedade de homens, com
ligonarios da verdade, para a lhy:
o seu parecer a este respeito,
nao esquecendo que uma casa
qualquer basta conformar-se
numero. Byo obtemos, e que estas
coisas quando sao serias, sao sem-
pre em tudo modestas. Uma pode
nao ser a primeira coisa mas
pode ser uma das primeiras,
se lhy? a actuar opportunamente
e rapidamente. Tem com a maior
consideração e profundo reconhe-
cimento

De lhy?

A D.?

João de Deus

Ex^{mo} Sr.

Lx.^a 20 — Sbr.^o — 82

Agradeço a V. Ex.^a summamente o q̄. escreveu do methodo no jornal do nosso amigo Melicio. Ha allí, cousa rara, muito amor desinteressado da verdade e dos homens, ou em summa da patria, porq̄. o methodo é uma solução util e portugueza. Este será o seu maior defeito! Mas a homens de taes sentimentos, que assim fallam da obra dum desconhecido, basta uma palavra de comprimento, e passarei ao util.

A Associação de escholas móveis pelo meu methodo acha-se naturalmente em relação comigo, e a direcção convidou-me a escolher o ponto da primeira missão. Tem-me occorrido que debaixo das vistas de V. Ex.^a o professor e o ensino estariam ao abrigo dos contras da malicia, q̄. são os mais temiveis; e dependendo dos factos, principalmente dos primeiros factos, o crédito da Associação me devera dirigir a V. Ex.^a pedindo o favor de me dizer se ahí mesmo no logar da sua residencia, ou nalguma dessas povoações mais proximas seria uma missão bem empregada, isto é, se haveria meia dúzia de individuos q̄. se quizessem deveras utilizar, e algum curioso que assistisse e ficasse sciente dos nossos processos. É necessario haver quem atteste a verdade: o governo cedendo generosamente ás camaras o encargo de pagar, reservou uma especie de fiscalização por meio de inspectores e subinspectores quasi totalmente adversarios do methodo, e que podem intrigar. O fiasco dos primeiros cursos seria mortal para a Associação; mas na verdade nada ha a recear. Os alumnos aprenderão se frequentarem e o que julgo mais importante, o methodo ficará implantado na mesma localidade. Como a socio da sociedade do bom, correligionario da verdade, peço a V. Ex.^a o seu parecer a este respeito, não esquecendo que uma casa qualquer basta conforme o numero dos alumnos, e que estas cousas quando são serias, são sempre em tudo modestas. Essa pode não ser a primeira missão mas pode ser uma das primeiras, se V. Ex.^a a achar opportuna e exequível. Sou com a maior consideração e profundo reconhecimento

De V. Ex.^a
Ad.^o

João de Deus